

## *Hominum et Opus*

**“O Homem e a Obra”**: Henrique Alves Amorim (1902-1977), Fundador do Museu de Santa Maria de Lamas  
- **“O Industrial, o Benemérito e o Colecionador”**

*Crónicas de  
um Acervo*

Museu de Santa Maria de Lamas

*“(...) Homem simples, Homem do Povo, este obreiro nada mais viu que não fosse o engrandecimento desta terra (...). Ele, um descobridor de Artes perpétuas, aplicou quase na sua totalidade, as suas horas de possível lazer, em procurar engrandecer o Património desta terra (...).”*

*(União. Mensário de Santa Maria de Lamas, 1974, p. 7.).*

*“(...) Uma paixão sem limites, só ela explica esta devoção, esta entrega de tudo o que era seu. Um desprendimento total pelo dinheiro (...) Abdicando do casamento, Henrique Amorim repartia-se, com a intensidade que já vimos, entre as fábricas de Lamas e Abrantes, as compras de cortiça nas planuras alentejanas, as permanências em Lisboa e as múltiplas viagens pelo estrangeiro (...) Quem olhar hoje para a sua imagem percebe-lhe a determinação, robusta e inflexível. A todas as portas ele ia bater se o que estivesse em causa fosse a melhoria da sua freguesia. Não havia ministro que não recebesse as suas cartas, ora de pedidos, ora de reclamações; não havia familiar a quem ele não tentasse convencer a algo dar; não havia habitante que ele não incentivasse a participar no que ele almejava para o bem comum (...).”*

*(SANTOS, 1997, p. 94.).*



*Henrique Alves Amorim (1902-1977) em 1974*

Registo fotográfico do Fundador do Museu, de autoria desconhecida, efetuado em 1974 e difundido na capa/frontispício/página de rosto do n.º 5 do primeiro ano do Jornal *União. Mensário de Santa Maria de Lamas* de dezembro de 1974.

# Ficha Técnica

## *Hominum et Opus*

“O Homem e a Obra”: Henrique Alves Amorim (1902-1977), Fundador do Museu de Santa Maria de Lamas - “O Industrial, o Benemérito e o Colecionador”

José Carlos de Castro Amorim

© Maio de 2016 - Autor & Museu de Santa Maria de Lamas.

**Coordenação geral:** Susana Patrícia Gomes Ferreira (Conservadora do Museu de Santa Maria de Lamas).

**Coordenação científica:** José Carlos de Castro Amorim (Historiador da Arte / Técnico Superior de História da Arte do Museu de Santa Maria de Lamas).

**Texto:** José Carlos de Castro Amorim.

**Revisão:** José Carlos de Castro Amorim & Susana Patrícia Gomes Ferreira.

**Edição:** Museu de Santa Maria de Lamas / Casa do Povo de Santa Maria de Lamas.

**Design, Projeto Gráfico e Paginação:** José Carlos de Castro Amorim.

**Fotografia:** José Carlos de Castro Amorim, Susana Patrícia Gomes Ferreira & Arquivo imagético do Museu de Santa Maria de Lamas.

**Capa e contracapa:** *Henrique Alves Amorim (1902-1977) em 1974* - Registo fotográfico do Fundador do Museu, de autoria desconhecida, efetuado em 1974 e difundido na capa/frontispício/página de rosto do n.º 5 do primeiro ano do Jornal “União. Mensário de Santa Maria de Lamas” de dezembro de 1974.

**Data:** 25 de maio de 2016.

© 2016 - Todos os direitos reservados. Esta obra não pode ser reproduzida, no todo ou em parte, por qualquer forma ou quaisquer meios eletrónicos, mecânicos ou outros, incluindo fotografia, gravação magnética ou qualquer processo de armazenamento ou sistema de recuperação de informação, sem prévia autorização escrita do editor.



José Carlos de Castro Amorim

*Hominum et Opus*

“*O Homem e a Obra*”: Henrique Alves Amorim  
(1902-1977), Fundador do Museu de Santa  
Maria de Lamas - “*O Industrial, o Benemérito  
e o Colecionador*”

## Abreviaturas & Siglas

**Anv.** - Anverso

**(s/p)** - sem numeração de página

**Ass.** - Assinatura / Assinado (a)

**Sr.** - Senhor

**C.** - Carlos

**St.<sup>a</sup>** - Santa

**Ca.** - Cerca de (do / dos)

**Vd.** - *Vide*, veja

**C.<sup>a</sup>** - Companhia

**Cf.** - Confira

**Cm** - Centímetros

**D.** - Dona

**Dir.** - Direita

**Esq.** - Esquerda

**Ext.** - Extraído (a) de

**H.** - Henrique

**h** - horas

**H. A.** - Henrique Amorim

**Lda.** - Limitada

**m** - minutos

**M.<sup>a</sup>** - Maria

**MSML** - *Museu de Santa Maria de Lamas*

**N.<sup>o</sup>** - Numero

**p.** - página

**pp.** - páginas

**Rev.** - Reverso

**Séc.** - Século

**Sécs.** - Séculos

**(s/l)** - *sine loco*, sem local

## Índice geral

**Abreviaturas & Siglas 6**

*Hominum et Opus*

“O Homem e a Obra”: Henrique Alves Amorim (1902-1977), Fundador do Museu de Santa Maria de Lamas - “O Industrial, o Benemérito e o Colecionador”

Henrique Alves Amorim (1902-1977), Fundador do Museu de Santa Maria de Lamas  
“O Industrial, o Benemérito e o Colecionador” - O Industrial: Nascimento de uma mente revolucionária para a Indústria corticeira lamacense e portuguesa 8

Henrique Alves Amorim (1902-1977), Fundador do Museu de Santa Maria de Lamas  
“O Industrial, o Benemérito e o Colecionador” - O Benemérito e Filantropo 13

Henrique Alves Amorim (1902-1977), Fundador do Museu de Santa Maria de Lamas  
“O Industrial, o Benemérito e o Colecionador” - O gosto de um Colecionador compulsivo 16

**Notas & Citações 22**

**Fontes & Bibliografia 25**

“O Homem e a Obra”: Henrique Alves Amorim (1902-1977), Fundador do Museu de Santa Maria de Lamas - “O Industrial, o Benemérito e o Colecionador”

### Henrique Alves Amorim (1902-1977), Fundador do Museu de Santa Maria de Lamas

“O Industrial, o Benemérito e o Colecionador” (Por José C. Amorim)

#### O Industrial: Nascimento de uma mente revolucionária para a Indústria corticeira lamacense e portuguesa

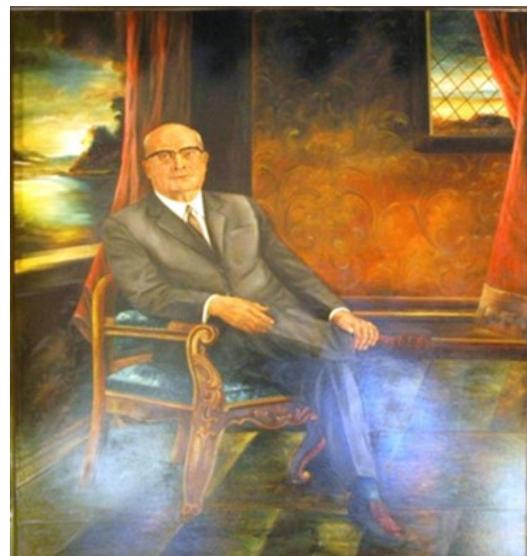
Henrique Alves Amorim (1902-1977), foi um dos onze filhos resultantes do matrimónio, ocorrido em 1886, entre António Alves de Amorim (1832-1922) - “empresário” rolheiro, conhecido no território feirense como o “Pai do Porto”<sup>1</sup>, mas nascido em “Santiago de Lourosa” (designação oitocentista – séc. XIX - para a atual Cidade de Lourosa) - e Ana Pinto Alves (1867 - 1926), natural de Santa Maria de Lamas.

Nascido entre Vila Nova de Gaia e Santa Maria de Lamas no dia 25 de maio de 1902, no decurso da sua vivência, o “Criador do Museu” transformou-se numa das personalidades chave da história local. Tornando-se o grande responsável pelo desenvolvimento estrutural, social e cultural de Santa Maria de Lamas.

Mentor de um mundo pessoalizado, “ao seu gosto e imagem”, nos negócios, pela sua visão “vanguardista” e capacidade de risco, mudou o paradigma da Indústria corticeira em Portugal (sobretudo no concelho feirense).

Obtendo residência definitiva em Santa Maria de Lamas, terra natal de sua mãe, entre 1908 / 1909, devido à perda, por imposição judicial da pequena “Oficina rolheira” que o seu pai possuía desde 1870 na “Rua dos Marinheiros”, junto ao Cais de Vila Nova de Gaia. Pelas carências educativas que esta localidade possuía (solucionadas, a partir dos anos 40, 50 e 60 do séc. XX, pelo próprio), Henrique Amorim frequentou a “instrução primária” numa freguesia vizinha, em Mozelos. E, para continuar a sua “instrução”, estudou durante um ano em Espinho.

Entrevistado, possivelmente nos anos 70, pelo Jornal *União. Mensário de Santa Maria de Lamas*, acerca da sua formação, o próprio Henrique Amorim acrescentou que a sua experiência escolar em Espinho foi importante para assimilar conhecimentos, sobretudo de Inglês. E que, após o término desse ano de estudos e conseqüente ingresso nos negócios e labor da Família, um dos seus irmãos que seria Padre<sup>2</sup>,



Iconografia do Fundador: Henrique Alves Amorim

Retrato da autoria de António Leite de Azevedo (séc. XX), pintura a óleo sobre madeira, posterior a 1968. 1957.0491m - MSML: Sala 6 - “Galeria do Fundador”.



Ana Pinto Alves (1867 - 1926) e António Alves de Amorim (1832-1922)

Fotografia de autoria e datação desconhecidas (ca. 1886 a 1922 - período cronológico que deriva entre o casamento de ambos e a morte de António Alves de Amorim). Arquivo do Grupo Amorim - Ext. SANTOS, 1997, p. 33.



Henrique Alves Amorim na infância

Excerto de fotografia coletiva de Henrique Amorim na infância, acompanhado pelos seus pais e irmãos. Fotografia de autoria desconhecida, posterior a 1902 e anterior a 1922. Arquivo do Grupo Amorim - Ext. SANTOS, 1997, p. 43.

“O Homem e a Obra”: Henrique Alves Amorim (1902-1977), Fundador do Museu de Santa Maria de Lamas - “O Industrial, o Benemérito e o Colecionador”

“obrigava-o a continuar a desenvolver temas, ou responder a questionários integrados na sua tipologia de formação”, maioritariamente religiosa.

Nos primórdios da vivência em território santamariano e segundo testemunho do próprio Henrique Amorim, devido às dificuldades que o “clã” padecia pela perda do negócio gaiense e pelos encargos da tentativa de recuperação do sustento familiar, operada pela criação de um “Alpendre de cortiça” nas traseiras da residência de família - no denominado “Palheiro da Eira”<sup>3</sup> - a par do tempo dedicado aos estudos, o auxílio à sua mãe, Ana Pinto Alves, tanto no ofício corticeiro como na “lavoura”, integravam as suas obrigações diárias.

Volvidos alguns anos, no seguimento da evolução positiva dos negócios familiares e respetiva necessidade de expandir a sua área para responder às solicitações do mercado, a produção rolheira da família Amorim saiu do restrito “Palheiro da Eira” e instalou-se, em 1913, no Edifício fabril da “Cortinha”<sup>4</sup>. Foi a partir daí, com o ofício rolheiro sediado numa unidade com maior amplitude, maquinaria razoável e capacidade para albergar um número alargado de operários, que em 1916, a meio da I Grande Guerra (1914 - 1918) e com apenas 14 anos de idade, Henrique Amorim assumiu funções de liderança nos negócios.

Com base nos testemunhos publicados, percebe-se que esta inserção precoce na gerência da fábrica, resultou da sua capacidade de liderança inata, da ida do seu irmão António para o Brasil<sup>5</sup>, da posição dos seus irmãos no negócio. E, sobretudo, da longa aprendizagem que Henrique Amorim teve *in loco* no núcleo rolheiro, onde absorveu as “Artes da Cortiça” e do negócio<sup>6</sup>.

Inicialmente aconselhado pelo seu irmão José<sup>7</sup>, entre 1916 e a década de 60 do séc. XX, Henrique Amorim desenvolveu um percurso de aproximadamente cinco décadas na liderança económica e fabril dos negócios. Expandindo, resistindo a adversidades, arriscando e obtendo, pelos seus atos e normas laborais peculiares, o respeito e a admiração dos agentes socioeconómicos portugueses e estrangeiros.

Sob a sua gestão, inicia-se em 1920 a construção de um novo edifício fabril (concluído em definitivo no ano de 1924), servindo de sede oficial à “moderna” “Amorim & Irmãos, Lda.”, constituída no dia 11 de março de 1922. Com a “Amorim &



António Alves de Amorim (1832-1922) - Pai de Henrique Amorim

Fotografia de autoria e datação desconhecidas (anterior a 1922). Arquivo do Grupo Amorim - Ext. SANTOS, 1997, p. 15.



“Palheiro da Eira” (Primeiro “Alpendre de Cortiça” da Família Amorim, criado entre 1908 e 1909 - após a perda da “Oficina rolheira” de António Alves de Amorim, junto ao Cais de Vila Nova de Gaia - e situado em Santa Maria de Lamas)

Fotografia de autoria e datação desconhecidas (posterior a 1908 / 1909). Arquivo do Grupo Amorim - Ext. SANTOS, 1997, p. 33.

“O Homem e a Obra”: Henrique Alves Amorim (1902-1977), Fundador do Museu de Santa Maria de Lamas - “O Industrial, o Benemérito e o Colecionador”

Irmãos, Lda.” o panorama industrial português e o ofício rolheiro Lamacense assistiram à criação de uma nova “marca”. Bastante importante para a evolução e crescimento do setor. Encabeçada por Henrique Amorim e oito dos seus irmãos (José, Manuel, Américo, Ana, Rosa, António, Joaquim e Bernardina), mas que, a partir de 1939 com a saída de quatro dos seus elementos - Manuel devido ao sacerdócio; António, Joaquim e Bernardina pela implementação definitiva no Brasil - ficou restrita a cinco ramos da família (Henrique, José, Américo, Rosa e Ana). Desenvolvida com um capital social de 90 000 escudos e uma dívida prévia, descrita por Henrique Amorim em cerca de “600 000 contos”<sup>8</sup> a “Amorim & Irmãos, Lda.” retomou o “sonho inicial” de António Alves de Amorim, o patriarca deste “clã” secularmente dedicado à cortiça; e que viria a falecer nesse mesmo ano, no dia 31 de outubro.

A partir dos anos 30, sobretudo de 1932 a 1935, apesar da depressão económica, pela gestão e capacidade de risco de Henrique, acompanhado pelo labor dos seus irmãos, a “Amorim & Irmãos, Lda.” consumou a sua retoma financeira. Assim sendo, contando já com cerca de 150 operários, esta “unidade fabril” possuía um volume de contactos e de negócios assinaláveis. Transacionando parte da sua produção de Santa Maria de Lamas para o Japão, Alemanha, Estados Unidos, França, Brasil, Inglaterra, Holanda, Bélgica, Suécia, etc.

No seguimento desta recuperação, de modo a solidificar a posição da família nos negócios corticeiros, Henrique Amorim passou a dedicar-se em paralelo à criação de novas fábricas, para possível serviço da “Amorim & Irmãos, Lda.”. Segundo o próprio, a melhoria da condição da “Amorim & Irmãos, Lda.” permitiu-lhe a abertura de duas fábricas em Abrantes. Para além desse facto, deu-lhe margem de manobra para se tentar “imiscuir na floresta alentejana”, com o intuito de dotar a fábrica Lamacense das melhores matérias primas (conseguidas também ao melhor preço possível)<sup>9</sup>. E, principalmente, para realizar viagens a destinos importantes para o fomento das exportações da “Amorim & Irmãos, Lda.”.

Na sua atividade, Henrique Amorim demonstrava astúcia e um pensamento diferente da maior parte dos seus contemporâneos. Durante os anos deste primeiro momento da afirmação da “Amorim & Irmãos, Lda.” como potência rolheira, foram vários os episódios descritos e citados, comprovativos da



Ana Pinto Alves (1867 - 1926) - Mãe de Henrique Amorim

Fotografia de autoria e datação desconhecidas (anterior a 1922). Arquivo do Grupo Amorim - Ext. SANTOS, 1997, p. 36.



Henrique Amorim acompanhado por alguns dos seus irmãos (Em cima, da esquerda para a direita do leitor: Henrique, Bernardina e Américo Amorim; Em baixo, da esquerda para a direita do leitor: António, Ana, José, Rosa e Manuel Amorim)

Fotografia de autoria e datação desconhecidas, Arquivo do Grupo Amorim - Ext. SANTOS, 1997, p. 44.



Medalhística / Medalha circular comemorativa dos 50 anos da “Amorim & Irmãos, Lda.” (1922 - 1972)

Anv. – Logotipo da empresa rolheira “Amorim & Irmãos, Lda.” no ano de 1972.

Rev. – Fardo de Cortiça e núcleo de rolhas.

Original de Luciano Inácio Martins dos Santos (1933) – Ass. L.INÁCIO. Bronze / Metal Bronzeado (?). Diâmetro: 5,3 cm. MSML: Sala 6 - “Galeria do Fundador”.

“O Homem e a Obra”: Henrique Alves Amorim (1902-1977), Fundador do Museu de Santa Maria de Lamas - “O Industrial, o Benemérito e o Colecionador”

diferença desta unidade e da sua gestão perante as demais. Vejamos por exemplo, alguns excertos e citações inseridas no estudo de Carlos Oliveira Santos, acerca das qualidades e “modernismos” apontados à “Amorim & Irmãos, Lda.”:

*“(…) O maior produtor de cortiça do mundo, estava, assim, na mão de poderosos estrangeiros. Qualquer industrial que se prezasse tinha de enfrentar esta situação (…) essa vai ser a grande batalha que a família Amorim travará. O seu primeiro passo foi: a compra de um “barraco” na orla da grande zona corticeira (…) ao sul do Tejo, Abrantes, perto do Caminho de ferro, destinado ao aprovisionamento das compras feitas junto dos produtores florestais. Estávamos em 1935 (…) Um armazém tosco, para onde Henrique Amorim (…) canalizava as cargas de cascas de Sobreiros, compradas pelo Alentejo e Ribatejo (…) Em 1939, outro galo cantava: “O barraco” passou a uma fábrica de preparação de pranchas, era o sinal de uma estratégia. Há ainda, nestes anos, outro aspecto do funcionamento da Amorim & Irmãos que importa referir. No número dois do Boletim da Junta Nacional da Cortiça, em Dezembro de 1938, surge a seguinte notícia: “A firma Amorim e Irmãos, Limitada, tem na sua fábrica em Lamas (…) um refeitório para o seu pessoal ao qual fornece diariamente uma sopa quente. Esta firma paga também a um médico” (…) Esse refeitório Amorim, para além de uma atitude percursora, tornar-se-ia providencial no decurso da II Guerra Mundial (…)”<sup>10</sup>*

Em pleno período exponencial, a chegada dos anos 40 trouxe consigo uma grande catástrofe e um dos momentos mais complicados para a “Amorim & Irmãos, Lda.” e para a administração de Henrique. Na noite de 21 de março de 1944, grande parte, senão a totalidade da fábrica lamacense foi consumida pelas chamas. Interrompia-se assim, através do fogo, um ciclo de crescimento.

Amplamente relatada pela imprensa local e nacional, esta catástrofe originou grandes prejuízos e levou mesmo alguns dos membros do “clã” Amorim a desvanecerem no seu intuito de continuar com a fábrica. José, o mais velho e o grande conselheiro dos irmãos, segundo refere Henrique Amorim, chegou mesmo a indicar que o melhor caminho seria o encerramento. Contudo, graças à sagacidade e persistência, Henrique conseguiu (re)unir os irmãos e, a par de promover a reconstrução da fábrica, apostou na sua expansão estrutural e territorial. Apesar das dificuldades, sob a “teimosia” deste homem a “Amorim & Irmãos, Lda.” iniciou em 1944, logo após o rescaldo das chamas, um processo de “renascimento”. Em suma, um momento que se revelou crucial para o “rejuvenescimento”, crescimento e modernização da unidade<sup>11</sup>.

Após quatro anos de esforço e trabalho intenso, em 1948, a “Amorim & Irmãos, Lda.” encerrava o seu processo de



*Perspetiva de parte das instalações primitivas da “Amorim & Irmãos, Lda.”, fundada em 1922 e situada em Santa Maria de Lamas, antes do incêndio de 1944*

Fotografia de autoria e datação desconhecidas (entre 1922 e 1944). Arquivo do Grupo Amorim - Ext. SANTOS, 1997, p. 56.



*Parte da destruição das instalações primitivas da “Amorim & Irmãos, Lda.”, no decurso do incêndio de 1944*

Fotografia de autoria desconhecida, realizada em 1944. Arquivo do Grupo Amorim - Ext. SANTOS, 1997, p. 83.



*Perspetiva geral do reconstruído, renovado e ampliado complexo fabril da “Amorim & Irmãos, Lda.”, após o incêndio de 1944 (com processo construtivo encerrado em 1948)*

Fotografia de autoria desconhecida, realizada em 1948. Arquivo do Grupo Amorim - Ext. SANTOS, 1997, p. 89.

“O Homem e a Obra”: Henrique Alves Amorim (1902-1977), Fundador do Museu de Santa Maria de Lamas - “O Industrial, o Benemérito e o Colecionador”

reconstrução; nos anos seguintes recuperava financeiramente, voltava aos mercados e retomava a sua vertente exportadora. Segundo H.A., a partir deste momento, a sua atividade como Industrial atingira algumas das fase mais prósperas, antecedendo a sua retirada:

*“(…) Foi em 1948. Procedemos então à reabertura total com ampliação (….) Em 1949/50 lançamo-nos de novo na exportação para a Europa, sobretudo para França. Foi também nessa altura que passei a ser um “Cigano da Charneca”. Devido às grandes quantidades de cortiça, necessária para a manutenção das fábricas, passei a comercializar cortiça no mato, o que considero a 3.ª bica de rentabilidade, depois da industrialização e exportação (….)”*

*“(…) Qual a sua melhor época como Industrial? “Foi desde 1950 a 1955. A cortiça estava então a preços irrisórios (….) Aí demos um bom arranque prosperando extraordinariamente (….) Foi famosa a época da Argentina. De 1955 a 1961 houve uma ascensão não assustadora” (….)”<sup>12</sup>*

Como Industrial, ao longo de toda a sua atividade, Henrique Alves Amorim revelou respeito pela tradição familiar, que desde o séc. XIX, sobretudo pelo trabalho do seu pai, encontrou na cortiça a sua fonte de labuta e sustento. Combinando experiência e inovação, sabedoria familiar e criatividade, auxiliado pelos irmãos, após um período evolutivo difícil pautado por múltiplas vicissitudes (primitivamente iniciado entre 1908 / 1909 no “Palheiro da Eira”), Henrique Amorim atingiu na “Amorim & Irmãos, Lda.”, sobretudo após a recuperação do incêndio, nas décadas de 1950 e no início dos anos 60, a hegemonia que um dia o seu pai sonhou e em parte vaticinou.

No seguimento da sua administração, Henrique transformou a pequena unidade rolheira que a família possuía, na grande e “fértil” “Amorim & Irmãos, Lda.”. Uma referência e “baluarte das firmas congéneres”<sup>13</sup>, Lamacenses e nacionais.

Todavia, apesar do sucesso, com a chegada dos anos 60 chegou também o momento em que Henrique Amorim, um pouco fatigado, resolveu cessar a título definitivo a sua carreira industrial. Atendendo à estabilidade obtida na “firma”, motivado por algumas das suas paixões peculiares, sobretudo a dedicação à Freguesia e ao seu habito/gosto colecionista, segundo relato do próprio, a década de 60 consumou um processo de sucessão iniciado anos antes:

*“(…) A minha retirada foi por 1960. No entanto já antes se começou a desenhar. Assim, como o meu irmão Américo tinha 8 filhos (4 rapazes e 4 raparigas) e era demasiado bom para os conduzir, pedi-lhe então que*



“Árvores de Portugal: O Montado” (“Montado de sobreiro” - com reprodução de um sobreiro e de parte do processo de “Tiradia” / “Descortiçamento”)

Desenho original a tinta da china sobre papel, da autoria de Alfredo Moraes (1872-1972). Publicado, sem referência cronológica, como ilustração direta do texto “Os Montados”, inserido na 19.ª edição da obra literária “Finalmente (Leituras para a 4.ª Classe)” – Ext. <http://alentejodopassado.blogspot.pt/> - 04/04/2016, 21 h 14 m.



Henrique Amorim, juntamente com o sobrinho Américo Amorim (a quem H.A. legou grande parte da administração dos negócios do “clã”, aquando da sua “retirada” no decurso da década de 60 do séc. XX), acompanhando, no dia 14 de setembro de 1970, a visita oficial às instalações da “Amorim & Irmãos, Lda.” de Américo Thomaz (1894-1987). À época, o Presidente da República Portuguesa - durante a sua visita oficial ao Concelho de Santa Maria da Feira

Fotografia de autoria desconhecida, realizada no dia 14 de setembro de 1970. Arquivo imagético do Museu de Santa Maria de Lamas.

“O Homem e a Obra”: Henrique Alves Amorim (1902-1977), Fundador do Museu de Santa Maria de Lamas - “O Industrial, o Benemérito e o Colecionador”

*mos entregasse (...) Tive que lhes incutir que teriam que ser os continuadores da firma (...) Com todos bem conhecedores das obrigações e activistas, não tive a menor dúvida em me retirar, já que sabia que tudo estava bem entregue. Além disso, sentia-me cansado, pois considero que fui um escravo do trabalho. E comecei então a viver mais independentemente (...)”<sup>14</sup>*

### O Benemérito e Filantropo

Segundo o estudo biográfico de Carlos Oliveira Santos acerca do historial da família Amorim, nas suas referências a Henrique, o autor frisou que este homem teria alguma mágoa por não possuir mais estudos. Apesar disso e seguindo o relato do autor, H. A., por entre todas as suas obrigações laborais, procurou cultivar a mente e o espírito durante toda a sua vida.

Detentor de um perfil muito próprio, para debelar a sua “escassa” formação, este vulto executava leituras constantes, viajava (quicá, aproveitando parte das suas deslocações de negócios), colecionava e contactava com património material e imaterial, histórico, cultural, social e científico da Humanidade<sup>15</sup>.

Deste modo, perante as carências estruturais, assistenciais, educativas e culturais que Santa Maria de Lamas possuía nas primeiras décadas do séc. XX, Henrique Amorim, que padeceu com algumas dessas vicissitudes locais, talvez inspirado pelas leituras e pelos exemplos internos e externos que contemplava, dedicou-se, a partir do início dos anos 40 e até à sua morte, à promoção e ao financiamento de múltiplas melhorias em benefício do território e habitantes Lamacenses.

Para a sua Freguesia e conterrâneos, para além de criar postos de trabalho através da sua gestão industrial, Henrique Amorim providenciou a compra de estruturas, o fomento de valências e a construção de espaços para usufruto e fruição pública. Assim sendo, a sua obra benemérita, originária de uma revolução urbanística, arquitetónica e artística, estende-se por áreas distintas como a Cultura, o Desporto e o Lazer; a Saúde, a Solidariedade e a Ação social; a Educação, a Religiosidade, a Comunicação, a Melhoria da Via pública, a Conservação, a Renovação, ou Reconstrução de estruturas:

*“(...) Henrique Amorim era ainda muito novo quando o fogo da generosidade incendiou no seu peito a prática do bem. Já que por temperamento, por inadaptação ou mesmo por imposição do sonho filantrópico que acalentava, nunca se dispôs a ter um lar de casado, nada o impedia porém,*



*Henrique Amorim acompanhado pelas suas irmãs Ana e Rosa Amorim (da esquerda para a direita do leitor)*

Fotografia de autoria e datação desconhecidas. Arquivo do Grupo Amorim - Ext. SANTOS, 1997, p. 94.



*Henrique Alves Amorim*

Fotografia de autoria e datação desconhecidas (anterior a 1977), aplicada sobre o fundo de um dos elementos da coleção de cerâmica decorativa “Vista Alegre”, exposta na “Galeria do Fundador” do MSML e inteiramente dedicada à retratística individual e coletiva de Henrique Amorim, em diferentes momentos, fases e faixas etárias do seu percurso biográfico. 1957. 0204 a 1957. 0219 - MSML: Sala 6 - “Galeria do Fundador”.

“O Homem e a Obra”: Henrique Amorim (1902-1977), Fundador do Museu de Santa Maria de Lamas - “O Industrial, o Benemérito e o Colecionador”

*de adoptar uma família numerosa e vasta (...) De ora avante seria pouco tudo quanto pudesse dar a essa família conterrânea, herdeira dos seus bens e da sua existência (...)*<sup>16</sup>

Na longa lista dos melhoramentos e realizações concedidas a Santa Maria de Lamas, entre os anos 40 a 70 do séc. XX e sob expensas de Henrique, foram construídos:

*Um Cinema; Pavimentaram-se, abriram-se e alargaram-se estradas; Concretizaram-se Parques sociais e de lazer - com estatuária, jardins e lagos; Edificaram-se Escolas primárias e uma Cantina Escolar; Estabeleceram-se Bairros operários e Casas de renda económica; Providenciaram-se estruturas para abastecimento de água pública e domiciliária. Procedeu-se à melhoria, ao restauro, à conservação, à compra e inclusão de nova Retabulística em Talha dourada na Igreja Matriz; Criou-se um Dispensário antituberculoso, um centro “Extra – escolar”, um Posto Clínico; um Centro Social (“Paternato-Infantil” - atual Patronato). Estruturaram-se dois edifícios, um deles destinado aos Serviços telefónicos (A.P.T.), e o outro, aos Correios (C.T.T.); um Centro de Cultura, Recreio e Belas Artes (transformado na “Casa do Povo”, dotado de Biblioteca fixa e itinerante, assim como de alguns instrumentos musicais para a prática e o ensino musical). Consumaram-se aumentos e restauros no Cemitério Paroquial; Construíram-se Piscinas e Balneários públicos (equipados com cinquenta fatos de banho); um Pavilhão gimnodesportivo; um Estádio para o Clube de Futebol União de Lamas; uma Cabine elétrica para abastecimento populacional e um edifício com 14 salas de aula, denominado de “Colégio Cristo Rei” (atual Colégio Liceal de Santa Maria de Lamas)*<sup>17</sup>.

Até ao abandono definitivo da administração da “Amorim & Irmãos, Lda.” ocorrido na década de 1960, aquando da construção da maioria das valências citadas, Henrique Amorim vivia um ritmo laboral elevado, originário de alguma ausência. Por vezes, as suas semanas dividiam-se entre a fábrica de Santa Maria de Lamas e deslocações a Abrantes, algumas estadias em Lisboa e múltiplas viagens internacionais. Assim, para que a sua obra nunca ficasse vulnerável ou estagnasse, foram vários os colaboradores que Henrique Amorim chamou para junto de si. Um dos grandes exemplos, foi Alberto Alves Fernandes<sup>18</sup> (localmente designado por “Sr. Alberto”), contemplado, na posteridade, pelo próprio Testamento do seu “amigo e patrão”.

Nesta vertente filantrópica, é também importante explicitar que grande parte da obra de Henrique Amorim foi acompanhada de muito perto por alguns amigos do seu círculo íntimo. Principalmente por dois “agentes” preciosos para o seu aconselhamento e até auxílio prático, ou burocrático. Ou seja, o “sonho” e a convicção de Henrique Amorim foram concretizados, praticamente na sua totalidade, com o apoio de dois



*Alberto Alves Fernandes na recepção primitiva do Museu de Santa Maria de Lamas (localmente designado por “Sr. Alberto”, ficou conhecido pela dedicação, lealdade, empenho e auxílio permanente a Henrique Amorim e aos seus desígnios filantrópicos; nomeadamente, na concretização e preservação de todo o seu legado e obra pública)*

Fotografia de autoria desconhecida, realizada no dia 13 de setembro de 1983. Arquivo imagético do Museu de Santa Maria de Lamas.



*Pároco José Rodrigues Ferreira (popular e carinhosamente denominado de “Padre Zé” por todos os paroquianos e habitantes de Santa Maria de Lamas)*

Fotografia de autoria desconhecida, alusiva à comemoração da sua “Missa Nova” em Santa Maria de Lamas, concretizada no dia 20 de agosto de 1916. Difundido na página seis do n.º 2 do Ano I, do Jornal *União. Mensário de Santa Maria de Lamas* de setembro de 1974.

“O Homem e a Obra”: Henrique Alves Amorim (1902-1977), Fundador do Museu de Santa Maria de Lamas - “O Industrial, o Benemérito e o Colecionador”

dos seus grandes companheiros: Henrique Veiga de Macedo (1914 - 2005), conterrâneo, Ministro das Corporações e Previdência Social do Estado Novo, de 1955 a 1961<sup>19</sup> (com quem oficializou a fundação da “Casa do Povo de Santa Maria de Lamas”). E o Pároco local, José Rodrigues Ferreira - carinhosamente apelidado pelos paroquianos como o “Padre Zé”<sup>20</sup>, “compatriota perpétuo” de H. A. em Santa Maria de Lamas.

Para reforço desta “tríade”, e para consumir os seus intentos/projetos para Santa Maria de Lamas, Henrique Amorim possuía uma relação de proximidade com Albino dos Reis (1888-1983), Ministro do Interior no Estado Novo e Presidente da Assembleia Nacional; e com o Frei João Diogo Crespo, membro da *Revista Flama* (um dos grandes órgãos comunicativos da sociedade portuguesa, sendo considerada uma revista pioneira e bastante apreciada entre os anos 60 e 70 do séc. XX).

Através deste círculo íntimo e pela sua afeição aos valores do regime e ideologia em que viveu<sup>21</sup> - o Estado Novo (1926-1974) - a sua obra atingiu uma dimensão que de outro modo, talvez não fosse possível de concretizar. Graças à sua ação, aos seus contactos, à sua influência, ao perfil altruísta e esforçado, a “insalubre terra santamariana transformou-se num espaço quase idílico”.



Essa faceta de obreiro valeu-lhe não só o tributo e a gratidão dos seus conterrâneos, mas inclusive a receção de um Grau Honorífico. Pelo legado profissional e pessoal de benemérito e filantropo, no primeiro dia do mês de abril de 1952, foram-lhe atribuídas pelo Presidente da Republica em exercício (Francisco Higinio Craveiro Lopes (1894 – 1964)), as insígnias honoríficas correspondentes ao grau de “*Oficial da Ordem de Instrução Pública*” - Medalha da Ordem e Medalha de Oficial com roseta, expostas, quiçá desde a sua receção, na denominada “Galeria do Fundador” existente no MSML.



Atribuição do grau de “*Oficial da Ordem de Instrução Pública*” a Henrique Alves Amorim (1 de abril de 1952)

Pormenor do suporte expositivo que exhibe, na “Galeria do Fundador” do MSML, um registo fotográfico de H.A., acompanhado pelo diploma de atribuição e as insígnias honoríficas correspondentes ao grau de “*Oficial da Ordem de Instrução Pública*” - Medalha da Ordem (Esq.), e Medalha de Oficial com roseta (Dir.). 1957. 1195 - MSML: Sala 6 - “Galeria do Fundador”.



Henrique Veiga de Macedo (1914 - 2005)

Registo fotográfico da autoria do estúdio portuense “Foto Beleza”, ausente de datação - Ext. <http://correiodafeira.pt/freguesias/centenario-do-nascimento-de-veiga-de-macedo/> - 04/04/2016, 21 h 29 m.

“O Homem e a Obra”: Henrique Alves Amorim (1902-1977), Fundador do Museu de Santa Maria de Lamas - “O Industrial, o Benemérito e o Colecionador”

### O gosto de um Colecionador compulsivo

Após abordar “a Criança”; “o Jovem”, “o Industrial” e “o Filantropo”, para obtermos um conhecimento total acerca de cada uma das facetas e capacidades de Henrique Amorim, é necessário conhecer “o Colecionador”.

Motivado por leituras e viagens, Henrique Amorim desenvolveu um gosto particular pelo colecionismo. Sobretudo um colecionismo pautado pela aquisição de múltiplos objetos de diferentes géneros e quadrantes do conhecimento, desde as Artes às Ciências; inspirado nos espíritos humanistas quatrocentistas, quinhentistas e seiscentistas (sécs. XV a XVII), originários dos “Gabinetes de Curiosidades” ou “Quartos das Maravilhas Europeus”.

Com um ritmo quase compulsivo, até à sua morte, este Homem colecionou em grande quantidade, qualidade e variedade (tipológica e temporal), objetos de *Arte Sacra* (sécs. XIII a XX); *Gravura e Litografia* (sécs. XVIII a XX); *Paramentaria*; *Alfaias litúrgicas*; *Ex-votos* (sécs. XVII a XX); *Tapeçaria e bordado* (sécs. XVIII a XX); *Medalhística* (sécs. XIX e XX); *Azulejaria* (séc. XX); *Cerâmica* (sécs. XIX e XX); *Objetos de uso quotidiano* (sécs. XIX e XX); *Relojoaria* (sécs. XIX a XX); *Papel-moeda e Numismática* (sécs. XIX e XX); *Iconografia do Fundador* (ca. décadas de 40, 50, 60 e 70 do séc. XX); *Pintura contemporânea* (sécs. XIX e XX); *Armaria Ibérica* (sécs. XIX e XX); *Lustres e Candelabros* (sécs. XVII a XX); *Insígnias honoríficas* (sécs. XIX e XX); *Falerística* (sécs. XIX e XX); *Mobiliário* (sécs. XVIII a XX); *Artefactos Indo-portugueses* e “*Chinoiseries*” (ca. sécs. XVIII a XX); *Instrumentos musicais*; “*Artes decorativas*” (sécs. XIX e XX); *Etnografia portuguesa* (sécs. XIX e XX); *Estatuária contemporânea* (francesa: séc. XIX; portuguesa: sécs. XIX e XX); *Fragments ligados às Ciências Naturais*; *Escultura em cortiça e derivados* (séc. XX); e *Arqueologia industrial* (ou seja, utensílios / engenhos / maquinaria / maquinismos de transformação corticeira, com utilização datável entre o séc. XIX e o início do séc. XX).

Recolhendo um acervo ímpar, depressa resolveu partilhar o seu património com a comunidade. Nos seus projetos para os melhoramentos da Freguesia, em virtude do crescimento vigoroso da sua coleção, a ideia de edificar um espaço físico para a exibição destes objetos tornou-se prioritária. Nascia assim, em plenos anos 50, e sob o título primitivo de “*Domus*



Registo artístico da obra filantrópica de Henrique Amorim em prol de St.ª M.ª de Lamas (pormenor): “Lago do Parque” - “panorâmica”, em 1958, de um dos Lagos, o de maiores dimensões, do “Parque Velho”, o atual Parque de St.ª M.ª de Lamas

Painel azulejar - aplicado numa das arcadas exteriores do MSML - de 1958 (azulejaria monocromática, em tonalidades azuláceas), original de “José Oliveira” – Pintor da antiga Fábrica de Cerâmica do Carvalhinho de Vila Nova de Gaia (1841 – 1977). Painel assinado, localizado e datado: “J.O.LIVEIRA. 1958. F.CARVALHINHO.GAIA.”.



Henrique Amorim circulando na quarta sala do piso superior do seu espaço museológico - a atual “Sala dos Presépios”. Na sua companhia, seguem várias personalidades de onde se evidencia um convidado institucional (o Presidente em funções do Município onde se insere o MSML - “Câmara Municipal de Santa Maria da Feira”), a quem H. A. apresenta os pressupostos do seu Museu, respetiva coleção reunida e exposta

Registo fotográfico de autoria desconhecida, possivelmente realizado em datação posterior a 1959 / 1968 (?). Arquivo imagético do Museu de Santa Maria de Lamas.

“O Homem e a Obra”: Henrique Alves Amorim (1902-1977), Fundador do Museu de Santa Maria de Lamas - “O Industrial, o Benemérito e o Colecionador”

**Áurea:** Arquivo de Fragmentos de Arte”, o projeto que culminou no atual Museu de Santa Maria de Lamas (que Henrique Amorim acompanhou, quase em permanência, até à sua morte).

Doado pelo próprio à “Casa do Povo de Santa Maria de Lamas”, em termos de espólio e edifício, através de um registo datado de 1959. Possivelmente “inaugurado”, com a planta final de 16 salas, em 1968 e constantemente “apetrechado” com novos elementos até 1977, este espaço elevou culturalmente, pela sua singularidade, o legado de Henrique Alves Amorim.

Iniciado a partir das suas primeiras incursões no mercado artístico e colecionista, realizadas entre 1950 a 1953 - com a aquisição de grande parte da sua vasta coleção de Arte Sacra - o Museu, aberto à fruição da comunidade, refletiu a intelectualidade, o culto pessoal, os gostos, a excentricidade e o próprio pensamento do seu Fundador. Aqui, sozinho, acompanhado pelo seu círculo íntimo, ou recebendo visitantes e amigos ilustres, Henrique Amorim passou grande parte dos seus últimos 27 anos de vida. Talvez entre 1950 a 1977, o ano em que viria a falecer na sua “terra amada” no dia 20 de fevereiro, antes mesmo de completar 75 anos de idade.



Henrique Amorim circulando na terceira sala do piso superior do seu espaço museológico - a atual “Sala dos Evangelistas” (à época, também identificada como a “Galeria dos arcos com o teto em pinturas” do MSML). Na sua companhia, seguem várias personalidades de onde se evidencia, novamente, um convidado institucional (o Presidente em funções do Município onde se insere o MSML - “Câmara Municipal de Santa Maria da Feira”), a quem H. A., continua a apresentar os pressupostos do seu Museu, respetiva coleção reunida e exposta

Registo fotográfico de autoria desconhecida, possivelmente realizado em datação posterior a 1959 / 1968 (?). Arquivo imagético do Museu de Santa Maria de Lamas.



Iconografia do Fundador: Henrique Alves Amorim

Retrato da autoria de António Leite de Azevedo (séc. XX), pintura a óleo sobre madeira, posterior a 1968. 1957.0491s - MSML: Sala 6 - “Galeria do Fundador”.



Henrique Amorim circulando na primeira sala do piso superior do seu espaço museológico - a atual “Sala de Nossa Senhora do “O” (primitivamente integrada na “Casa de Numismática” do MSML). Na sua companhia, seguem alguns convidados institucionais / visitantes

Registo fotográfico de autoria desconhecida, possivelmente realizado em datação posterior a 1959 / 1968 (?). Arquivo imagético do Museu de Santa Maria de Lamas.



Inauguração da escultura de Henrique Amorim, da autoria do escultor contemporâneo Henrique Araújo Moreira (1890 - 1970), com o próprio H.A. discursando perante a multidão e com a fachada exterior do Museu como “pano de fundo” (25 de maio de 1972)

Registo fotográfico de autoria desconhecida, realizado no dia 25 de maio de 1972. Arquivo imagético do Museu de Santa Maria de Lamas.

## Hominum et Opus

“O Homem e a Obra”: Henrique Alves Amorim (1902-1977), Fundador do Museu de Santa Maria de Lamas - “O Industrial, o Benemérito e o Colecionador”



Henrique Amorim circulando na quinta sala do piso superior do seu espaço museológico - a atual “Sala dos Oratórios”. Na sua companhia, seguem várias personalidades de onde se evidencia, novamente, um convidado institucional (o Presidente em funções do Município onde se insere o MSML - “Câmara Municipal de Santa Maria da Feira”), a quem H. A., continua a apresentar os pressupostos do seu Museu, respetiva coleção reunida e exposta

Registo fotográfico de autoria desconhecida, possivelmente realizado em datação posterior a 1959 / 1968 (?). Arquivo imagético do Museu de Santa Maria de Lamas.

Inauguração da escultura de Henrique Amorim, da autoria do escultor contemporâneo Henrique Araújo Moreira (1890 - 1970), com o próprio H.A. envolto pela multidão e com a fachada exterior do Museu como “pano de fundo” (25 de maio de 1972)

Registo fotográfico de autoria desconhecida, realizado no dia 25 de maio de 1972. Arquivo imagético do Museu de Santa Maria de Lamas.



Henrique Amorim na escadaria central do edifício da Casa do Povo de Santa Maria de Lamas, acompanhado, entre outros, por António Joaquim Vieira (1926-2015), Henrique Veiga de Macedo e Alberto Alves Fernandes

Fotografia de autoria e datação desconhecidas (anterior a 1977). Arquivo imagético do Museu de Santa Maria de Lamas.

## Hominum et Opus

“O Homem e a Obra”: Henrique Alves Amorim (1902-1977), Fundador do Museu de Santa Maria de Lamas - “O Industrial, o Benemérito e o Colecionador”



Pormenor do monograma “HA” - com as iniciais de Henrique Amorim - enquadrado, após incorporação no Museu, no tímpano de um Fragmento retabular de Talha dourada existente na primeira sala do piso superior do MSML, a atual “Sala de Nossa Senhora do Ó” (evidenciado por retângulo vermelho)

Fragmento de retabulística enquadável na segunda metade do séc. XVIII, atribuível a Oficina portuguesa de produção de Talha, ativa durante o período cronológico referido. Madeira com aplicação de folha de ouro. MSML: Sala 1 - “Sala de Nossa Senhora do Ó”.



Pormenor do monograma “HA” - com as iniciais de Henrique Amorim - enquadrado no teto da segunda sala do piso superior do MSML, a atual “Sala da Capela”

Teto decorado com pinturas em “caixotão”, existindo um contraste acentuado entre a velatura azul do fundo e o dourado dos motivos decorativos, das letras e da moldura de enquadramento destes registos de formato retangular. Pinturas originais de autoria desconhecida, possivelmente realizadas nos anos 50 do séc. XX (com término em 1959 (?)), com o propósito exclusivo de decoro desta área expositiva do Museu lamacense. MSML: Sala 2 - “Sala da Capela”.

Henrique Amorim discursando perante uma multidão de conterrâneos e na companhia do “Padre Zé”, no âmbito da inauguração, em 1959, do seu próprio busto junto ao “Paternato-Infantil” - atual Patronato de Santa Maria de Lamas. Uma das obras de referência do seu legado filantrópico em prol da Freguesia e dos Lamacenses

Fotografia de autoria desconhecida, realizada em 1959. Arquivo imagético do Museu de Santa Maria de Lamas.



## Hominum et Opus

“O Homem e a Obra”: Henrique Alves Amorim (1902-1977), Fundador do Museu de Santa Maria de Lamas - “O Industrial, o Benemérito e o Colecionador”



Henrique Amorim em diferentes momentos da inauguração, em 1959, do seu próprio busto junto ao “Paternato-Infantil” - atual Patronato de Santa Maria de Lamas

Fotografias de autoria desconhecida, realizadas em 1959. Arquivo imagético do Museu de Santa Maria de Lamas.

## Hominum et Opus

“O Homem e a Obra”: Henrique Alves Amorim (1902-1977), Fundador do Museu de Santa Maria de Lamas - “O Industrial, o Benemérito e o Colecionador”



**Iconografia do Fundador: Henrique Alves Amorim**

Escultura de vulto. Modelo / Esboço / Estudo de Gesso monocromático, modelado por/sob orientação de Henrique Araújo Moreira (1890 - 1970), para o busto final, em Bronze, aplicado sob pedestal pétreo e inaugurado em 1959 pelo próprio Henrique Amorim junto ao “Paternato-Infantil” - atual Patronato de Santa Maria de Lamas. 1957. 0804 - MSML: Sala 6 - “Galeria do Fundador”.



**Iconografia do Fundador: Henrique Alves Amorim**

Escultura final, realizada segundo grande parte do Modelo / Esboço / Estudo de Gesso monocromático do MSML.

Escultura de vulto em Bronze monocromático, modelada por/sob orientação de Henrique Araújo Moreira (1890 - 1970), aplicada sob pedestal pétreo e inaugurada em 1959 pelo próprio Henrique Amorim junto ao “Paternato-Infantil” - atual Patronato de Santa Maria de Lamas. No pedestal evidencia-se a seguinte inscrição: “AO INSIGNE BENEMÉRITO HENRIQUE AMORIM / SANTA MARIA DE LAMAS AGRADECIDA / 1959”.

Registo fotográfico de autoria desconhecida, realizado em 1959 no próprio dia da inauguração deste elemento de estatuária pública. Arquivo imagético do Museu de Santa Maria de Lamas.

“O Homem e a Obra”: Henrique Alves Amorim (1902-1977), Fundador do Museu de Santa Maria de Lamas - “O Industrial, o Benemérito e o Colecionador”

### Notas & Citações

<sup>1</sup> Em 1870, António Alves de Amorim (1832-1922), fundou em Vila Nova de Gaia, junto ao Cais - na conhecida “Rua dos Marinheiros” - uma pequena unidade de transformação corticeira, nomeadamente de produção de rolhas de cortiça para barris de Vinho do Porto. Este núcleo rolheiro, efetivou-se num período fértil em esperanças e iniciativas e resultou de uma sociedade entre António Alves de Amorim e a família Belchior (conhecido “clã” gaiense/portuense, bastante abastado, com múltiplas aplicações financeiras em negócios e fábricas; tendo como membro historicamente mais reconhecido Belchior Fernandes da Fonseca (?-1903), principal “sócio” de António Amorim na Rua dos Marinheiros, e famoso entusiasta de experiências aeronáuticas, tragicamente desaparecido no dia 21 de novembro de 1903, durante a subida do “Aeróstato Lusitano”). Segundo relato escrito do próprio Henrique Amorim, baseado em testemunhos familiares, “o seu pai não tinha o hábito de contabilizar e fazer a “escrita” do seu negócio e durante vinte anos limitou-se a entregar à família Belchior os “apuros” monetários do negócio”. Em virtude do crescendo da atividade e da constante ausência de demonstrações de posições no negócio e lucros a seu favor, António Alves de Amorim interpelou os seus “sócios” acerca desses elementos. Perante tal solicitação, os Belchior indicaram a António que não existiriam lucros a seu favor. Afetado com essa ausência de compensação pelo trabalho de uma vida e sentindo-se enganado pelos “Belchior”, António Amorim interpôs uma ação judicial, iniciada em 1890 e que se prolongaria até 1908. No seguimento da “demanda judicial” imposta, o pai de Henrique Amorim obteve dois veredictos favoráveis. Contudo, multiplicando-se os recursos, o processo chegou ao Supremo Tribunal onde António Amorim, já com 76 anos e devastado pelo investimento e trabalho perdido, padecia de uma decisão final desfavorável. A família Belchior, pelo poderio socioeconómico que possuía, influenciava os circuitos portuenses, inclusive os da justiça. A par dessa influência, neste processo que retirou o núcleo rolheiro a António Amorim, o advogado dos Belchior era o jovem, mas conhecido e destacado membro do “Directório Republicano” e Deputado do Parlamento: Afonso Augusto da Costa (1871-1937).

<sup>2</sup> Possivelmente Manuel Amorim - “(...) Manuel, que cedo se tornou o “Padre Manuel”, pároco de Lourosa de 1917 a 1938 (...)” (SANTOS, 1997, p. 45.).

<sup>3</sup> Consumada a perda da “Oficina rolheira” junto ao Cais de Gaia, e conseqüente sustento familiar, com a mudança para Santa Maria de Lamas, o “clã” Amorim aproveitou esta alteração geográfica para tentar repor o seu negócio. Deste modo, agora sob liderança de Ana Pinto Alves (acompanhada de perto por alguns dos seus filhos mais velhos), a família iniciou a sua luta pela retoma da “honra” e do negócio rolheiro. Atendendo à idade avançada, ao desgaste e à debilidade do seu marido, foi Ana Pinto Alves que providenciou, a muito custo, todas as condições para debelar o momento desfavorável. Ana, trinta e três anos mais nova que o seu marido, conseguiu unir num único objetivo os membros e as vontades da família. Segundo o estudo biográfico de Carlos Oliveira Santos: “(...) A senhora tudo fez (...) calcorreou quilómetros para pedir empréstimos, muitas vezes em vão. Empenhou o seu estimado cordão de ouro. Solicitou apoios a uns padres seus parentes. Hipotecou umas terras (...)” (SANTOS, 1997, p. 33.).

Juntando as capacidades laborais dos seus filhos mais velhos, duas garlopas e um conjunto restrito de operários (cerca de “meia dúzia”), Ana Pinto Alves conseguiu, no seu “Palheiro da Eira” - uma estrutura débil, posicionada nas traseiras da residência da família em Santa Maria de Lamas - montar um pequeno “Alpendre” de produção de rolhas. Nesse “Alpendre de Cortiça” - designação primitiva atribuída, desde o séc. XIX, às pequenas fábricas de transformação corticeira existentes no território lamacense - os vedantes e rolhas produzidas tinham de novo como principal ponto de escoamento os barris e a produção do “Vinho do Porto”. Exportado para Inglaterra a partir do Cais de Vila Nova de Gaia.

<sup>4</sup> “(...) Em 1913, já os Amorim passavam para um novo “alpendre”, o da Cortinha, com dezassete máquinas de Carroa a trabalhar. As rolhas eram acabadas, postas em carros de bois (...) e lá iam para Gaia e para o mundo (...)” (SANTOS, 1997, p. 36.).

<sup>5</sup> “(...) Se havia coisa que D. Ana temia, era a ida de um dos filhos para a guerra, a terrível I Guerra Mundial (...) o filho António estava na iminência dessa circunstância (...) Ana Pinto Alves tudo removeu, então, para encontrar forma de o livrar. A solução foi pagar a troca do filho por outro soldado disponível e, para lhe evitar os problemas legais, havia que o mandar para as lonjuras dos brasis. António lá embarcou, em 1915, no porto de Leixões (...)” (SANTOS, 1997, p. 47.).

<sup>6</sup> Recorde-se que após o término dos quatro anos da sua “instrução primária” e do ano de estudo em Espinho, Henrique Amorim, a partir dos 10 / 12 anos de idade, dividia o seu dia entre o auxílio na “lavoura” e os ensinamentos do seu irmão sacerdote; mas passava grande parte do tempo a trabalhar na unidade rolheira da família.

<sup>7</sup> Devido à juventude de Henrique Alves Amorim, que em 1916 completara apenas 14 anos de idade, o início da sua ação de liderança foi devidamente aconselhada e tutelada por um dos seus irmãos mais velhos e mais experientes no ramo industrial: José Amorim - proprietário, a partir de 1919, de uma sociedade empresarial no Porto, a “Amorim e Lage”. Sobre este tema vd. *História da Indústria em Portugal*, 1961, (s/p). & SANTOS, 1997, p. 44.

<sup>8</sup> “(...) O meu pai tinha certos conhecimentos da indústria, assim como o meu irmão António, que em 1914 já tinha grandes luzes e também acreditei nas minhas possibilidades. Quanto à capacidade financeira, efectivamente não era a melhor, já tivemos de ficar endividados na altura em 600 000 \$ 00, pois além da construção, tivemos que nos apetrechar de máquinas e matérias-primas. Atravessei então períodos difíceis, situações aflitivas e críticas pois não podia concretizar os meus entusiasmos: enquanto tinha necessidade de 50 000 rolas de cortiça, quedava-me pelas 28 000 ou 30 000. E isto de 1922 até 1927 (...)” - Ext. Testemunho de Henrique Amorim, diretamente ligado aos primeiros anos de atividade da “Amorim & Irmãos, Lda.”, realizado em contexto de entrevista, possivelmente publicada nos anos 70 no *Jornal União. Mensário de Santa Maria de Lamas*.

<sup>9</sup> “(...) Por essa altura, passar os olhos pela lista de empresas exportadoras de cortiça sediadas em Portugal era depararmo-nos com uma imensidade de nomes estrangeiros de todas as proveniências (...) Portugal, e sobretudo Lisboa, era em grande medida entreposto dessas grandes empresas, que dominavam o mercado, impunham preços, açambarcavam as compras de matéria-prima, exportavam-na praticamente em bruto e destinavam-na às fábricas de transformação dos próprios países (...) em Portugal só se transformava cerca de cinco por cento da matéria-prima. O maior produtor de cortiça do mundo, estava, assim, na mão de poderosos estrangeiros. Qualquer industrial que se prezasse tinha de enfrentar esta situação (...)” (SANTOS, 1997, p. 61.).

<sup>10</sup> Cf. SANTOS, 1997, pp. 61 e 62.

<sup>11</sup> “(...) Incêndio pavoroso, que levou cerca de 8 dias para completar totalmente o seu rescaldo. Para nós foi considerada a maior catástrofe de sempre, pois o prejuízo foi superior a 25 000 000 \$ 00 (...) No entanto, uma das partes mais chocantes do incêndio, foi o desânimo que enfermou o meu irmão José, que no estaleiro, e tudo em cinzas me exclamou: “Bem, Henrique, nada temos a fazer a não ser retirar os escombros e semear um campo de milho”. Ao que respondi com uma linguagem bem diferente (...) garanti-lhe que antes de Julho tinha que estar a trabalhar a secção de Prancha, o que se cumpriu religiosamente (...)” - Ext. Testemunho de Henrique

Amorim, relacionado com o incêndio da “Amorim & Irmãos, Lda.”, realizado em contexto de entrevista, possivelmente publicada nos anos 70 no *Jornal União. Mensário de Santa Maria de Lamas*. Acerca deste assunto, sugere-se também a consulta de SANTOS, 1997, pp. 83 a 91.

<sup>12</sup> Ext. Testemunho de Henrique Amorim, relacionado com a recuperação da “Amorim & Irmãos, Lda.”, realizado em contexto de entrevista, possivelmente publicada nos anos 70 no *Jornal União. Mensário de Santa Maria de Lamas*.

<sup>13</sup> “(...) A firma Amorim e Irmãos, Lda. que desde 1922 representava um (...) baluarte das firmas congêneres, tinha atingido o limite de produção em artigos de cortiça e mantinha ao serviço um batalhão de algumas centenas de operários. De futuro, havia apenas que manter aquele ritmo de laboração e conservar as mesmas normas das vias administrativas (...)” (*História da Indústria em Portugal*, 1961, (s/p).).

<sup>14</sup> Ext. Testemunho de Henrique Amorim, relacionado com a sua sucessão na “Amorim & Irmãos, Lda.”, realizado em contexto de entrevista, possivelmente publicada nos anos 70 no *Jornal União. Mensário de Santa Maria de Lamas*.

<sup>15</sup> Cf. SANTOS, 1997, p. 45.

<sup>16</sup> Cf. *História da Indústria em Portugal*, 1961, (s/p).

<sup>17</sup> Cf. *História da Indústria em Portugal*, 1961, (s/p). & SANTOS, 1997, pp. 93 a 95.

<sup>18</sup> Excerto da entrevista realizada a Alberto Fernandes, onde ele se refere à sua “contratação” por parte de Henrique Amorim, publicada pelo jornal *União. Mensário de Santa Maria de Lamas*, em agosto de 1984: “(...) Eu comecei a minha actividade nesta freguesia há cerca de 35 anos, e porque antes de tudo isto ser feito o Sr. Amorim pediu ao Sr. Padre que arranjasse um homem a quem pudesse confiar o cargo de zelador e conservador de tudo o que iria ser levantado. Aí o Sr. Padre falou-me para cumprir esse cargo (...)”

<sup>19</sup> Henrique Veiga de Macedo (1914-2005): Natural de Santa Maria de Lamas, licenciado em Direito pela Academia de Coimbra (1939), alto funcionário público, político ativo, dignatário do regime e da administração pública, desenvolvendo uma carreira vasta. Nomeadamente como “Subdelegado do INTP” no Porto e depois em Braga (1940); Presidente da Caixa de Abono de Família do Distrito de Braga; Delegado no Norte da Federação dos Serviços Médico-Sociais; Vice-presidente da Federação das Caixas de Previdência – Habitações Económicas (1942-1945); Agente do Ministério Público no Tribunal de Trabalho da Covilhã; Representante do INTP na Junta Consultiva dos Portos do Douro e Leixões (1948-1955); Subsecretário de Estado da Educação Nacional (1949-1955); Ministro das Corporações e Previdência social (1955-1961); Presidente da Comissão Executiva da União Nacional (1961-1965); Presidente da Federação das Caixas de previdência (1965); Diretor geral do Trabalho e

Corporações (1965). Foi também Deputado entre a VIII e a XI Legislatura (1961-1974), ocupando a presidência das seguintes comissões: Trabalho, Previdência e Assistência social (VIII e IX Legislatura); e Educação nacional; Cultura popular; Interesses espirituais e morais (X e XI legislatura). - Ext. [http://app.parlamento.pt/PublicacoesOnLine/DeputadosAN\\_1935-1974/html/pdf/m/macedo\\_henrique\\_veiga\\_de.pdf](http://app.parlamento.pt/PublicacoesOnLine/DeputadosAN_1935-1974/html/pdf/m/macedo_henrique_veiga_de.pdf) - 04/04/2016, 22 h 01 m.

<sup>20</sup> Acerca do “Padre Zé”, Elísio Cardoso, à época Presidente da Junta de Freguesia de Santa Maria de Lamas, proferiu o seguinte discurso, na homenagem local à figura do Pároco, realizada durante a década de 70: “(...) No ano da graça de 1893, nasceu em Santa Maria de Lamas, um indivíduo (...) a quem seus pais lhe deram o nome de José Rodrigues Ferreira. Cresceu, frequentou a Escola Primária, depois logo lhe ocorreu a ideia de se ordenar padre (...) nesse tempo a nossa Igreja era pequena e velhinha. O Padre Zé sonhou uma nova e grande. Meteu-se no empreendimento e tornou em realidade, está à vista dos nossos olhos esta tão grande obra, de um dos grandes filhos desta terra (...) Grande obreiro (...) sempre ao serviço da sua terra, não só esteve com a obra da Igreja, como passou pelas Escolas, Jardins, Estradas, e pela menina dos seus olhos que é essa tão inesquecível obra do Patronato (...)”

<sup>21</sup> Valores conservadores, corporativistas e nacionalistas, assentes na propaganda dos três pilares da “*Educação Nacional*”: “*Deus, Pátria e Família*”, que se encontram bastante vinculados em algumas das realizações fomentadas por Henrique Amorim para benefício, usufruto e até educação da população lamacense.

“O Homem e a Obra”: Henrique Alves Amorim (1902-1977), Fundador do Museu de Santa Maria de Lamas - “O Industrial, o Benemérito e o Colecionador”

---

### *Hominum et Opus*

“O Homem e a Obra”: Henrique Alves Amorim (1902-1977), Fundador do Museu de Santa Maria de Lamas - “O Industrial, o Benemérito e o Colecionador”

#### **Fontes & Bibliografia**

AMORIM, Fernando – «A nossa entrevista com o Padre Zé». In *União. Mensário de Santa Maria de Lamas. Santa Maria de Lamas*. Ano I. N.º 2 (setembro de 1974).

BOTELHO, Maria Leonor & FERREIRA, Susana Gomes – «O Museu de Santa Maria de Lamas: História de um Museu e do seu relançamento». In FREITAS, Ana [et al.] – *Imaginária Feminina na Arte sacra portuguesa. Processos de conservação e restauro. Coleção do Museu de Santa Maria de Lamas*. (s/l): Multitema, 2005.

CASA DO POVO DE SANTA MARIA DE LAMAS – *Guia do Museu de Santa Maria de Lamas*. Santa Maria de Lamas: Casa do Povo de Santa Maria de Lamas, 1985.

CLETO, Joel & FARO, Suzana - «Museu de Santa Maria de Lamas, Feira. Um sonho de cortiça». In *O Comércio do Porto. Revista Domingo*. (janeiro de 2000).

GONÇALVES, A. Nogueira & DIAS, Pedro – «Lamas». In *História e Arte: Concelho de Vila da Feira*. Vila da Feira (Santa Maria da Feira): Câmara Municipal de Vila da Feira (Santa Maria da Feira), 1979.

*História da Indústria em Portugal*. (s/l). Fascículo XI (janeiro de 1961).

LAPA, Daniel da - «Um Oleirense no Museu de Lamas». In *União. Mensário de Santa Maria de Lamas*. Santa Maria de Lamas. N.º 39 (maio de 1975).

MOREIRA, António – «Alberto Fernandes há 35 anos a zelar pelo Museu H. Amorim». In *União. Mensário de Santa Maria de Lamas*. Santa Maria de Lamas. Ano X. N.º 95 (agosto de 1984).

SANTOS, Carlos Oliveira - *Amorim. História de uma Família (1870 - 1997). 1.º Volume: 1870-1953*. Mozelos: Grupo Amorim, 1997.

TWARDOWSKY, Karin – «O Museu de Santa Maria de Lamas». In *Jornal Actual*. (s/l) (maio de 1994).

*União. Mensário de Santa Maria de Lamas*. Santa Maria de Lamas. Ano I. N.º 5 (dezembro de 1974).

*União. Mensário de Santa Maria de Lamas. Santa Maria de Lamas*. Ano III. N.º 31 (fevereiro de 1977).

*União. Mensário de Santa Maria de Lamas*. Santa Maria de Lamas. Ano IV. N.º 39 (fevereiro de 1978).



Largo da Igreja, 90

Parque de Santa Maria de Lamas, Apartado 22  
4535-412 Santa Maria de Lamas

Telefone: 22 744 74 68 | Fax: 22 745 49 93

Telemóvel: 91 664 76 85

[geral@museudelamas.pt](mailto:geral@museudelamas.pt)

<http://museudelamas.blogspot.com>

[www.facebook.com/museudelamas](http://www.facebook.com/museudelamas)

[www.museudelamas.pt](http://www.museudelamas.pt)